

NOTICIÁRIO

OS ESTUDOS AMERICANOS NA EUROPA

De 14 a 18 de Abril realizou-se em Amesterdão o Congresso Bienal de Estudos Americanos, organizado pela Associação Europeia de Estudos Americanos, a maior e a mais importante destas associações a seguir à Associação Americana de Estudos Americanos. Com a presença de alguns conhecidos especialistas americanos das várias áreas deste ramo interdisciplinar do saber, o congresso europeu — este ano subordinado ao tema geral, *A Identidade Americana: Fusão e Fragmentação* — reuniu um conjunto notável dos mais ilustres americanistas da Europa (incluindo inúmeros especialistas dos países de leste) e constituiu sem dúvida uma demonstração evidente da riqueza e vitalidade dos Estudos Americanos deste lado do Atlântico. Com efeito, é já hoje possível afirmar sem hesitações que a especialização em americanística começa a ser uma realidade na Europa, sobretudo se contarmos com o recente projecto de Pierre Michel da criação, em Bruxelas, de um centro de informação bibliográfica para investigação neste domínio.

Pela primeira vez este ano o congresso europeu estruturou-se em parte, à semelhança dos congressos americanos, à volta de grupos de trabalho paralelos, versando alguns dos temas mais controversos da americanística de hoje, assim se dando oportunidade aos mais novos, ou aos menos célebres, de apresentarem os resultados das suas pesquisas, ou os seus projectos de investigação em breves comunicações, não raro polémicas, expostas em seguida a um debate sempre estimulante e enriquecedor. Os grupos de trabalho que mais discussão suscitaram para fora dos limites estreitos das respectivas sessões foram aqueles que se debruçaram sobre problemas como «a mulher americana» (um animado grupo dirigido pela francesa Rollande Balorain) ou «o negro americano» (tema discutido sob a direcção do inglês C. W. Bigsby, professor nesse

excelente centro de estudos anglo-americanos que é a Universidade de East Anglia). Temas mais especificamente literários — como a poesia americana ou a literatura americana contemporânea — foram também objecto de inúmeros debates, com incidência particular na questão do pós-modernismo e, em especial, na tentativa de definição da crítica desejável e possível no momento pós-modernista. Neste campo, os americanistas portugueses deverão estar atentos ao trabalho importante que está a ser produzido em França por jovens especialistas como Marc Chenetier e Régis Durand.

Tanto as conferências plenárias proferidas ao termo de cada dia do congresso, como as palestras/debate apresentadas em alternativa sobre os mais diversos assuntos, como até as comunicações presentes aos diferentes grupos de trabalho se ocuparam do tema geral do congresso — *A Identidade Americana* — quase sempre numa preocupação solícita de definir essa identidade pela fusão harmónica dos vários fragmentos étnicos, sociais, culturais. Constituiu notável excepção a lição inaugural, a cargo de Sacvan Bercovitch, que lucidamente propôs a problematização da noção mesma de «identidade americana» através da análise ideológica da retórica que lhe subjaz.

O ambiente estimulante de fértil intercâmbio intelectual e cultural, proporcionado por este congresso, não deixa dúvidas quanto às vantagens da filiação da recém-fundada Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos na Associação Europeia de Estudos Americanos.

Maria Irene Ramalho de Sousa Santos

I ENCONTRO DA
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESTUDOS
ANGLO-AMERICANOS — Maio de 1980

Durante três dias e ao longo de algumas sessões de trabalho intenso a recentemente criada APEAA reuniu em Coimbra mais de meia centena de associados e convidados. Momento necessário de arranque na vida da Associação, este primeiro Encontro, organizado por Graça Abranches e Isabel Caldeira, cumpriu inteiramente os objectivos traçados no programa estabelecido, o qual logrou incluir actividades tão diversas como uma exposição bibliográfica sobre o livro americano contemporâneo; uma conferência proferida pelo professor visitante Barry Gross